

O Homem em Face do Sumo Bem

de Frithjof Schuon

O homem se caracteriza, em primeiro lugar, por uma inteligência central ou total, não periférica ou parcial somente; em segundo lugar, por uma vontade livre, não instintiva somente; e, em terceiro lugar, por um caráter capaz de compaixão e de generosidade, não de reflexos egoístas somente.

Quanto ao animal, ele não pode conhecer aquilo que ultrapassa os sentidos, embora ele possa ser sensível ao sagrado; ele não pode escolher contrariamente a seu instinto, embora ele possa fazer instintivamente um sacrifício; ele não pode se superar, embora uma espécie animal possa manifestar nobreza.

Do homem, pode-se dizer também que ele é essencialmente capaz de conhecer o Verdadeiro, seja absoluto ou relativo; de querer o Bem, seja essencial ou secundário; de amar o Belo, seja interior ou exterior. Em outros termos, o ser humano é substancialmente capaz de conhecer, de querer, de amar o Sumo Bem.

O Sumo Bem, dizemos: isto é, o Princípio Supremo. Quando falamos do “Princípio Supremo”, só temos, como ponto de referência terrestre, a existência das coisas; ao contrário, quando falamos do “Sumo Bem”, podemos nos referir às qualidades das coisas, as quais são tangíveis para nós, tanto estética quanto moralmente. Falar do “Sumo Bem” é atestar que todos os bens derivam dele e o manifestam, e é abrir a porta à “reminiscência” dos arquétipos ao mesmo tempo normativos e libertadores.

Partindo da ideia de que o homem é a inteligência total, a vontade livre e a alma generosa, chegamos a este ternário: a Verdade, a Via e a Virtude; em outros termos: a doutrina metafísica e cosmológica, o método espiritual e a qualidade moral. “Sabedoria, Força, Beleza.”

*

Transcendência, imanência e teofania: estes são os três aspectos sob os quais o homem pode aproximar-se da Realidade divina. Isto quer dizer que está na natureza do homem poder abordar Deus em primeiro lugar de uma maneira direta e objetiva, em segundo lugar de uma maneira indireta mas igualmente objetiva e em terceiro lugar de uma maneira direta e subjetiva: a saber, primeiro dirigindo-se ao Deus pessoal, que está fora e acima de nós, depois dirigindo-se a determinada manifestação humana de Deus e por fim encontrando Deus no fundo do coração. Trata-se primeiro do Deus transcendente que reina no Céu; depois do Homem-Deus ou, de um modo mais geral, do Símbolo e do Sacramento; e por fim, do Si imanente.

Metafisicamente, é importante distinguir entre uma transcendência que é objetiva e outra que é paradoxalmente subjetiva; de maneira análoga, é preciso distinguir na imanência um

aspecto subjetivo e um aspecto objetivo; do mesmo modo ainda, há não somente uma teofania manifestada, mas também uma teofania principial.

A transcendência em si é objetiva por definição; se ela pode incluir um aspecto de subjetividade, é porque o Si imanente se mantém transcendente em relação ao eu, que no entanto o prolonga de certo modo. A imanência, por sua vez, é *a priori* subjetiva, ao menos do ponto de vista em que nos colocamos; o que não impede que ela seja objetiva nos fenômenos que nos rodeiam e que não teriam nem existência nem potência sem uma presença divina imanente. E por definição, a teofania é manifestada: no entanto, esta própria manifestação implica – e prova – que ela se encontra necessariamente prefigurada na Ordem divina, pelo Deus pessoal que não é senão – se assim se pode dizer – a “manifestação” hipostática da Divindade impessoal ou, mais precisamente, suprapessoal.

*

É preciso insistir nisso: está na natureza das coisas que o homem tenha duas conexões com Deus, uma direta e uma indireta; isto resulta de sua própria existência. Ou seja, isto resulta da dualidade “Princípio e Manifestação”; *Âtma* e *Mâyâ*. Por um lado o homem está só diante de Deus; por outro lado, ele se dirige a um interlocutor celeste intermediário: o Logos, que por definição combina o divino e o humano; nos dois casos, é *de facto* Deus que escuta e que responde. Dissemos que isto está na natureza das coisas; mesmo o Islã, no entanto tão zelosamente unitarista, não pode se impedir de atribuir a seu Profeta a função de intercessor; e mesmo o Budismo, negador implacável dos deuses, é obrigado a reconhecer a realidade de um *Amitâbha* ou de um *Avalokitêshvara* estendendo misericordiosamente a mão ao homem impotente.

De fato, nenhuma das três perspectivas pode bastar-se a si mesma, o imanentismo advaitino não mais que os transcendentismos e teofanismos religiosos: Shankarâchârya escrevia hinos à Deusa. Não há realização subjetiva possível sem a bênção de uma Divindade objetiva, por mais que isso desagrade os simplificadores do tipo pseudo-*jnâni* que ensinam o contrário.

Em si, o Princípio Supremo não é nem transcendente, nem imanente, ele “é aquilo que ele é”; não é senão em relação à Manifestação que se pode falar seja de transcendência, seja de imanência. E a transcendência e a imanência se unem na teofania: no Logos, o Homem-Deus, o *Avatâra* e, de certa maneira, também no Símbolo Divino e no Sacramento salvador.

Em última análise, só há um *distinguo*¹ a fazer, o da transcendência e da imanência; a teofania é somente um modo do segundo mistério. Assim sendo, pode-se dizer que a transcendência aniquila, reduz ou diminui o manifestado; a imanência ao contrário o enobrece, o dilata ou o engrandece. Por um lado, o homem é “pecador” ou “escravo” –

¹ *Distinguo*: termo latino de argumentação escolástica que se usa para indicar que, numa proposição, aceita-se uma parte e nega-se outra, ou simplesmente que se faz uma distinção. Esse termo foi incorporado à língua francesa com o sentido de “distinção” ou “distinção sutil”. Também foi incorporado ao italiano com o sentido de “distinção”. Em espanhol, foi incorporado sob a forma *distingo*. Como não foi incorporado ao português, optamos por deixar o termo em latim, como é conhecido, em vez de simplesmente traduzi-lo por “distinção”. (N. do T.)

segundo a linguagem religiosa –, mas, por outro lado, ele é “filho de Deus” ou “vigário na Terra”. As duas relações se encontram de maneira particularmente expressiva no Homem-Deus: por um lado, “só Deus é bom”; mas, por outro lado: “Quem me viu, viu o Pai”.

*

Incontestavelmente, o Judaísmo e o Islã acentuam a transcendência, enquanto o Cristianismo se baseia na teofania; o Budismo tomando como ponto de partida o mistério da imanência. Cada um destes pontos de vista nega ou limita *a priori* os outros pontos de vista, mas os realiza *a posteriori* de uma maneira apropriada à sua perspectiva.

Comparado ao Judaísmo, o Cristianismo comporta de resto uma certa acentuação do elemento imanência, de onde sua quase-rejeição das prescrições exteriores e sua insistência nas qualidades interiores. E o Budismo, pela força das coisas, combina seu imanentismo inicial – seu culto do *Nirvâna* por definição “interior” – com um teofanismo ao mesmo tempo exclusivo e inclusivo: em princípio só há um Buda, mas nem por isso seu mistério deixa de se manifestar numa profusão de personificações divinas.²

*

A situação do homem diante de Deus evoca o problema de saber qual é o modo hipostático, ou o grau ontológico, que entra em linha de conta nesta confrontação. A isso respondemos *a priori* pelas imagens seguintes: há em primeiro lugar o espaço ilimitado; há em seguida o sol; e há enfim o reflexo – ou os reflexos – do astro solar. Estas imagens podem simbolizar, respectivamente, o Sobre-Ser, o Ser e a Existência; este último termo significando aqui o Centro Divino do Universo, a saber o Princípio divino manifestado, ou dito de outro modo, a projeção cósmica de Deus.

Essa é a Trindade metafísica – não teológica –, que se pode qualificar de “vertical”. Mas há igualmente uma Trindade “horizontal”, que se situa, com as diferenças apropriadas, em cada um dos três níveis que vimos de examinar; no plano do Ser – e é o do Deus pessoal, portanto também o da teologia –, neste plano, discernimos a Essência, depois a “Forma” ou a “Imagem”, depois a Irradiação. Esta trindade se encontra necessariamente antecipada no Sobre-Ser, o qual comporta os aspectos de Absolutez, Infinitude e Onipossibilidade; abaixo do Ser, portanto no plano da Existência ou mais precisamente no Centro divino desta – e esse é o reflexo direto do Princípio na Manifestação –, a Trindade “horizontal” abrangerá em primeiro lugar a Essência sempre principal ou divina, depois a Personificação – ou as Personificações arcangélicas – desta Essência, e por fim a Irradiação do Logos no mundo e nas almas.

² Cf. nosso artigo “Ortodoxia e originalidade do Budismo”, em *Présence du bouddhisme*, apresentado por René de Berval (Paris, 1987). (N. do E.: O mesmo artigo está em *Tesouros do Budismo*, de Frithjof Schuon, Editora Stella Maris, São José dos Campos, 2024.)

O homem não tem relação com o Sobre-Ser senão na pura Intelecção e, em princípio – *Deo volente* – na concentração contemplativa. A relação com o Ser – e não é senão ela que a religião tem em vista – se realiza por meio da prece, das virtudes, do comportamento; indiretamente, a mesma relação se realizará através do *Avatâra*, ou do Símbolo de uma maneira muito geral.

*

Sobre-Ser, Ser e Existência: cada um destes planos da Trindade “vertical” pode ser considerado sob o aspecto seja da transcendência, seja da imanência, seja da teofania. Não há dificuldade em conceber a transcendência e a imanência do Sobre-Ser e do Ser, mas poder-se-ia perguntar o que significam estes dois aspectos no plano da projeção teofânica; a resposta é que o Logos – o *Avatâra* – se apresenta seja objetivamente, como “Imagem divina”, e então ele é transcendente em relação ao homem comum, seja subjetivamente, como o Intelecto, e então ele é imanente; ele é então como a porta em direção ao divino Si, o Sujeito divino imanente em nossa substância imortal.³

Quanto à presença do elemento “teofania” no Ser e no Sobre-Ser, ele se encontra aí a título de pura potencialidade: é antes de tudo a possibilidade intrínseca de irradiar-se, própria da Essência divina e por consequência de cada um de seus planos ontológicos, como explicamos acima. Ter-se-á visto que o elemento “Existência” na Trindade vertical coincide sob certo aspecto com o elemento “teofania”, portanto com a perspectiva teofânica que se acrescenta às perspectivas de transcendência e de imanência; pois a Existência, seja ela celeste ou terrestre, central ou periférica, não é senão a teofania universal, ligada ao Ser do ponto de vista da transcendência, e ao Si do ponto de vista da imanência.

A questão de saber a qual “plano divino” o homem deve se dirigir ao rezar não deve jamais se colocar, pois rezar é falar com Deus, independentemente de toda especificação metafísica; o homem que reza, mesmo se ele se dirige a uma personificação celeste, não deve se ocupar da ontologia do Interlocutor celeste. Por um lado, “o reino de Deus está dentro de vós”; e, por outro lado, “quem me viu, viu o Pai”. Mas também, e antes de mais nada: “Pai Nosso que estais no Céu”.

*

In *Raízes da Condição Humana*, de Frithjof Schuon, Editora Stella Maris, 2025. Todos os direitos reservados para World Wisdom Inc. (EUA). Tradução de A. Queiroz.

³ Está claro que nossa intenção não é reduzir todo o Real e todo o Possível somente à análise metafísica de que se trata presentemente. Pode-se encontrar outras análises na maior parte de nossos livros; mencionemos aqui, a título de ponto de partida, *Résumé de Métaphysique Intégrale* (“Resumo de Metafísica Integral”). Dissemos “análises”; poder-se-ia também dizer “sínteses”. (N. do E.: A publicação em português de *Resumo de Metafísica Integral* pela Editora Stella Maris está prevista para o ano de 2025.)